



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS

**O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO
ENSINO MÉDIO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS

O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

Artigo de conclusão de curso de Graduação apresentado à coordenação do curso de Letras da Universidade Estadual de Campina Grande – UEPB, como requisito parcial á obtenção do grau de Graduada em Letras- Português pela referida instituição.

CAMPINA GRANDE – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237p Santos, Edivanda Clementino dos
O professor e a relação ensino da leitura/escrita no nível
médio [manuscrito] / Edivanda Clementino dos Santos, - 2015.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Ma. Francisca Eduardo Pinheiro,
Departamento de Letras e Artes".

1. Prática de Ensino 2. Letramento 3. Leitura 4. Ensino
Médio I. Título.

21. ed. CDD 371.3

EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS

O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO
MÉDIO

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof^a. Ms. Francisca Eduardo Pinheiro.

Aprovado em: 04 de 10 de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Eduardo Pinheiro 8,0
Prof^a. Ms Francisca Eduardo Pinheiro – UEPB
(Orientadora)

Tania Maria Augusto Pereira 8,0
Prof^a. Dr^a Tania Maria Augusto Pereira. – UEPB
(Avaliadora 1)

Amasile Coelho L. C. Sousa 8,0
Prof^a Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa- UEPB
(Avaliadora 2)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, pessoas especiais que tanto me ajudaram na superação dos momentos difíceis. Aqueles que me ensinaram a andar por caminhos seguros e sempre acreditaram nos meus sonhos!

AGRADECIMENTOS

"Enquanto houver vontade de lutar haverá esperança de vencer."(SANTO AGOSTINHO)

Ao Senhor Jesus Cristo, o maior mestre que conheço. Por ter me concedido a oportunidade de aprender na vida terrena, amadurecendo a cada dia para evoluir enquanto ser humano.

À minha família, exemplo de “força” e “superação”. Minha inspiração para as grandes lutas.

A minha orientadora, professora Mestre Francisca Eduardo, por sua paciência mediante as minhas dúvidas e sua maneira especial de ensinar.

A todos os meus irmãos, Marcos Antônio, Antônio, Lucivânia, Marcone, Lúcia, Marcio, Marciel e em especial ao meu irmão Carlos Antônio, ser especial, que todos os dias acordava comigo para ir em busca da realização do meu sonho.

A meus amigos, irmãos que encontrei na vida Acadêmica, em especial; Ana Raquel, Carla Tamires, Ivanilson Fidelis, Monalisa Pontes; NarianyDarly; Jessica Dwansenia, Jessica Samantha, Joseph Dielly, Vivian Kelly.

A tantas outras pessoas, amigos e familiares que, mesmo não tendo seus nomes mencionados, acreditaram no alcance do meu objetivo e, mesmo de longe, enviaram suas energias positivas, estimulando-me a persistir naquilo que eu acreditava. Com vocês, quero dividir a alegria desta importante conquista! OBRIGADA, gente!

O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é ou deveria ser a mais elevada forma de arte.

Charles Chaplin

O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

Edivanda Clementino dos Santos¹
Edivanda_88@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar a prática de ensino da leitura de professores das séries finais do Ensino Médio, da rede Estadual no município de Esperança-PB, para isso, professores responderam um questionário contendo perguntas sobre sua prática de ensino da leitura e a escrita em sala de aula. Trata-se de uma preocupação recorrente entre professores do Ensino Médio, o trabalho com a leitura e a produção textual. A partir da análise de suas respostas, constatamos que os professores estão preparados para o ensino da leitura/escrita. Buscamos subsídios nos teóricos; Antunes (2007), Iser, (1999), Eagleton(1983), PCN (2001), Jolibert, (1999), Smith; (1990) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Prácticapedagógica, Ensino-aprendizagem, Leitura.

Introdução

A pesquisa realizada aborda um problema encontrado em nossas salas de aula: a insuficiência no desempenho de leitura e escrita dos alunos, especificamente nas séries finais do Ensino Médio, na zona Urbana do Município de Esperança/PB. A leitura e a escrita estão presentes como atividades corriqueiras e constantes em todas as práticas escolares. No entanto, observamos nas séries finais, jovens que não lêem, que não gostam de ler e por isso, sentem dificuldades na escrita de textos, só decodificam palavras ou textos, não conseguem produzir significado, nas leituras.

Um número relevante dos alunos das séries finais não gostar ou não querer ler e nem escrever e, conseqüentemente, sentir dificuldades em interpretar e construir textos, pode ser apontado como uma das causas da evasão no Ensino Médio.

Avaliamos que a empatia dos alunos com relação ao gosto pela leitura depende, em parte, da metodologia que o professor utiliza na sala de aula. Assim, pretendemos, de maneira geral, analisar a prática de ensino com leitura e escrita e especificamente, verificar as condições de trabalho que levam a atividade de leitura a ser mal compreendida e desenvolvida no processo escolar. Para isso, distribuimos um questionário com 5 professoras do 1º, 2º e 3º anos do ensino Médio, das escolas Estaduais de Ensino Médio Irineu Joffily e Monsenhor

¹Graduanda em Letras UEPB

José da Silva Coutinho, no Município de Esperança-PB. Pretendemos também descobrir o interesse que o professor tem pela leitura e escrita, dentro e fora da escola, para demonstrar sua importância quanto aos aspectos intelectual e social desse profissional. Isso quer dizer, a importância da leitura e o processo da escrita para o professor, no contexto mais amplo que o da sala de aula.

Para lidar com as dificuldades da leitura em sala de aula, devemos ter consciência de que tais dificuldades estão ligadas ao desenvolvimento das habilidades na escrita, perceptíveis pelas alterações ou problemas na sintaxe, estruturação das ideias, pontuação de frases ou na organização dos parágrafos, enfim, nas habilidades necessárias na composição de um texto.

O professor precisa da leitura e da escrita nessa dimensão para poder oferecer essa leitura e cobrar produção aos seus alunos, pois não basta ensinar a decodificar letras e sons. No mundo atual, saber ler implica um conjunto muito mais amplo de capacidades e habilidades que fazem da leitura não somente uma atividade, mas um objeto permanente de aprendizagem e aperfeiçoamento.

Essa é a concepção de leitura e escrita que norteia nosso trabalho. Assim, pretendemos detectar os problemas que envolvem a relação entre teoria e prática do professor, e sua influência na formação dos leitores. Nosso interesse final é que as observações realizadas entre os professores possibilitem a eles questionamentos sobre a maneira como vem ocorrendo a formação dos alunos enquanto leitores, no ato da leitura, o leitor constrói e não apenas reconstitui os sentidos de um texto. Ler é, antes de tudo, dialogar, discutir com o texto lido.

Este artigo apresenta uma fundamentação teórica, em que são discutidos os conceitos referentes ao tema, com informação sobre como foi desenvolvida a pesquisa; a metodologia, a análise dos dados, parte fundamental de nosso trabalho, em que discutimos a perspectiva de leitura e escrita que embasa o trabalho dos professores, e as considerações finais, em que retomamos de forma resumida os principais aspectos discutidos no trabalho, sem pretensão de estarmos concluindo o estudo.

Podemos dizer que esta pesquisa traz uma contribuição para o ensino, na medida em que sentimos a necessidade de buscar subsídios que ajudem na reflexão de problemas referentes à leitura/escrita no processo de ensino aprendizagem, pois esta é uma preocupação recorrente entre os professores de Ensino Médio.

Identificando as dificuldades do ensino da leitura e sua interferência na escrita, entender como a leitura de gêneros textuais os mais diversos influencia na produção textual. Buscamos subsídios nos estudiosos; Antunes (2007), Iser, (1999), Eagleton (1983), Pcn (2001), Jolibert, (1999), Smith; (1990) entre outros.

Fundamentação Teórica

1. Leitura: e seu significado

A leitura nos proporciona diversos conhecimentos, entre eles, conhecer vários povos e culturas, tudo e todos, sem sequer sair do lugar e por isso a leitura não deve, de forma alguma, se restringir ao fato de decodificar letras e sons. É muito mais amplo e requer esforço, determinação e cumplicidade de todos os que estejam envolvidos no processo, tanto professores como alunos e familiares que se inserem nesse contexto. Se o trabalho com leitura tem por finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores (pessoas capazes de fazer uso social da escrita), deve haver uma prática de ensino eficaz para que possamos obter êxito nesse intento.

É essa perspectiva de leitura e escrita que está explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN(BRASIL, 2001, p.53):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto; a partir dos seus objetivos; do seu conhecimento sobre o assunto; sobre o autor; de tudo o que sabe sobre a língua [...] não se trata simplesmente de extrair informações da escrita; decodificando-a letra por letra; palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica; necessariamente; compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita [...].

Concordamos com o explicitado nos PCN e podemos ir além de suas palavras, acrescentando o objetivo de que nossos alunos viajem através de leitura de textos e sejam capazes de conhecer o assunto e compreendê-lo. Para isso, cabe aos professores superar algumas concepções básicas sobre o ensino-aprendizagem da leitura, uma delas a de simplesmente decodificar, converter letras em sons. É por causa desta concepção que inicia o processo de leitura que a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores”, capazes de decodificar qualquer texto, porém com dificuldades para compreender o que tentam ler. Utilizando vários procedimentos para serem bons leitores.

Hoje, a leitura é considerada por muitos estudiosos da área como sendo uma atividade produtora de significados, pois os textos são abertos, entremeados de “não ditos” que requerem movimentos cooperativos, conscientes e ativos por parte do leitor. Sartre (1999,p.46) que:

A leitura é um pacto de generosidade entre autor e leitor; cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo. Essa confiança já é, em si mesma, generosidade: ninguém pode obrigar o autor a crer que o leitor fará uso da sua liberdade.

É o trabalho de parceria entre autor e leitor que possibilita a atribuição de significado a qualquer texto. O autor oferece índices do que pode ser interpretado, mas cabe ao leitor atribuir significados ao que lê. O autor direciona o seu leitor, porém os espaços vazios, as lacunas serão preenchidas conforme a experiência de leitura que este possui. Para Satre (1999, p.38), “a leitura é criação dirigida, [...] é indução, interpolação, extrapolação [...]”.

A cada nova leitura de texto literário ocorre uma nova escritura. Para Eagleton(1983,p.13), “todas as obras literárias, em outras palavras, são reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra literária que não seja também uma reescritura, pois a interpretação de uma obra terá o significado, mas não o sentido que o leitor deseja que tenha conforme o seu interesse. Dessa forma, um mesmo texto pode ser reescrito sob o olhar de uma leitura feminista, psicanalítica, ou sociológica, etc. A leitura a ser realizada, portanto, dependerá dos contextos social e cultural que envolvem o leitor.

Para Iser (1999, p.11), o leitor não é capaz de “apreender um texto num só momento”, mas sim em fases consecutivas da leitura, o que passa a ser um constante ir e vir ao texto, pois as informações e significados ali presentes nunca são esgotados em um só momento. É preciso envolver o aluno com a leitura, e sempre de forma prazerosa e estimuladora, e se o professor consegue aproveitar o conhecimento prévio e o conhecimento de mundo dos alunos, a compreensão acontecerá mais facilmente e desta forma o hábito da leitura será estimulado e os resultados surgirão conforme enfatizam os PCN (2002, p.55), “uma pessoa aprende quando gosta do que vai aprender e quer aprender e só terá as expectativas esperadas se for significativo para eles”.

Além disso, o ponto de vista modifica-se conforme a perspectiva da leitura. Eagleton (1983, p.83).

Aleitura não é um movimento linear progressivo, uma questão meramente cumulativa [...]. Lemos simultaneamente para trás e para frente, prevendo e recordando, talvez conscientes de outras concretizações possíveis do texto que a nossa leitura negou.

Dessa forma, decorre que ao efetivar a leitura, o sujeito faz uso do conhecimento prévio retido em sua memória e essa lembrança estabelecerá novas relações. Portanto, durante o processo da leitura, recordações e expectativas modificadas interagem, constantemente, em uma dialética entre “um futuro horizonte que foi anteriormente estabelecido e satisfeito, mas que se esvazia continuamente” (ISER, 1999, p.17).

O contexto que envolve o leitor determinará como tais horizontes serão preenchidos, o que explica o porquê da multiplicidade de interpretações para um mesmo texto, ou seja, a leitura varia de leitor para leitor.

Segundo Mikhail Bakhtin, a palavra, como fenômeno ideológico, constitui a relação social. É na significação das palavras que se constrói o sentido do texto e dos próprios sujeitos (escritor/leitor), resultando na polifonia de muitas vozes sociais que cada indivíduo recebe, mas que também tem a condição de reelaborar pois, para Bakhtin (1979, p.18),

[...] um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreende-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológicos (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes.

Dessa forma, linguagem, sociedade, economia e ideologia influenciam na inter-relação texto-leitor e a palavra ganha uma dimensão múltipla, plural, de forte polissemia. Os sentidos se ampliam e expõem novos sentidos. As palavras encontram outros significados e a multiplicidade de leituras se efetiva.

É relevante, ainda, considerar que a escrita, muito mais do que a leitura, é um ato necessariamente individual. Enquanto a leitura consegue superar as limitações do autor, a escrita terá sentido nas mãos de um sujeito singular que tem uma fisiologia, uma história e um conjunto de experiências que influenciarão para a materialidade do texto.

A cada palavra lida, o leitor oferece a sua contra palavra, enriquecendo, com isso, a experiência de leitura. Não existe um verdadeiro e um único sentido, pois, como cita Eagleton (1983), cada leitura é sempre uma “reescrita”, um reencontro com um texto interrompido pelas contrapalavras de outras leituras e outros leitores. Para Iser (1999, p.53), “isso significa

que a compreensão de um texto não pode ser vista como um processo de aceitação passiva, mas sim como uma resposta produtiva à diferença experimentada”.

A importância da leitura está diretamente relacionada ao desenvolvimento da capacidade de aprender, não há desenvolvimento ou aprendizagem que não passe pela leitura, seja em situações normais ou especiais. Nesse sentido, é preciso definir práticas e estratégias que podem ser utilizadas dentro e fora de sala de aula, para que se garanta o aprendizado da leitura e, conseqüentemente, garantir o sucesso do processo ensino aprendizagem. Para Jolibert, (1999, p.15),

Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de uma rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, panfleto etc; no momento em que realmente se precisa deles numa determinada situação de vida.

Deve-se encontrar formas de inserir a leitura como fonte colaboradora da nova realidade social. A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é dar respostas a um objeto e a uma necessidade pessoal, devendo ser fonte de prazer. Quanto ao prazer, é necessário considerar que o jovem é atraído pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que um livro ou outro material pode conter em determinado estágio. O jovem pode começar a ler e perceber o mundo, mesmo sem decifrar códigos.

Podemos afirmar que ler é entender o que se lê, é descobrir um propósito para o texto, desenvolvendo um paralelo entre o que está sendo lido e sua realidade, exercitar e colocar ou não seu ponto de vista, ampliar os conhecimentos e ser motivado à observação do que antes lhe passava despercebido. Jolibert (1994, p.31), afirma que o jovem deve ler:

Para responder à necessidade de viver com os outros, na sala de aula e na escola; Para se comunicar com o exterior; Para descobrir as informações das quais se necessita; Para fazer (construir, levar a termo um projeto-emprego): Para alimentar e estimular o imaginário; para documentar-se no quadro de uma pesquisa em andamento.

Quando lemos, criamos alternativas. E ao criarmos essas alternativas transformamos a nossa realidade, nossas ações, pensamentos e opiniões, sendo este um dos resultados mais positivos da leitura. Isso exige uma série de estratégias. Uma delas é a decodificação. Mas esse é apenas um procedimento inicial que se utiliza para ler. A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias isto é, de recursos para construir significados que, sem elas, não é possível alcançar com rapidez e competência.

Desde os primeiros anos de escola, as crianças devem ser estimuladas à prática da leitura através da motivação, para aprenderem a atribuir significados. A capacidade de leitura aumenta ou diminui, conforme se multiplicam as funções sociais e econômicas. Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos. A pessoa aprende a gostar de ler quando a qualidade de sua vida melhora com a leitura.

Quanto maior for a carga de estímulos para a leitura, maior a possibilidade de desenvolver o espírito crítico, o vocabulário, a capacidade de redigir e de se expressar de modo eficiente no tempo e no espaço.

Para Jolibert (1999,p.21), “o ato de ler traz uma grande carga de estímulos ao cotidiano do jovem e que o ato de planejá-lo deve ser coletivo para que possa ter significação e realmente colabore para que a aprendizagem realmente se realize”.

Para o leitor, é importante que compreenda e goste do que está sendo lido; isso possibilita maior interesse, para que desperte o gosto pela leitura. Para Smith;(1990, p.46),

Amelhor estratégia de leitura é procurar o significado do material escrito, sem preocupação com a decodificação dos sinais gráficos, visto que a compreensão do texto requer questões relevantes a fazer e a capacidade de encontrar respostas, pelo menos, para alguns desses questionamentos. Desta forma, o texto é o ponto de interação entre o autor e o leitor: quem lê participa com uma aptidão que não depende só de sua competência para decifrar sinais, mas, sobretudo, de lhes dar sentido, assim à leitura nunca pode ser desvinculada dos objetivos dos leitores ao realizá-la e das consequências de sua realização sobre ele. Dessa forma; o leitor sempre lê com uma finalidade determinada e sua leitura envolve emoções, conhecimentos e experiências.

Sendo assim, o processo de ler engloba não somente o que está sendo lido, mas também o porquê de um leitor determinado estar lendo. Entende-se, portanto, que a leitura deve ser encarada como a procura de resposta no texto.

Visão semelhante acerca da leitura é também apresentada por Lajolo (1993, p. 89). De acordo com a autora, ler não é simplesmente decifrar o sentido de um texto. E sim, atribuir-lhe significado, relacioná-lo a outros textos significativos, identificar a leitura que seu autor pretendia quando o produziu; podendo entregar-se plenamente a esta leitura ou rebelar-se contra ela, sugerindo uma interpretação não prevista anteriormente.

Os vários pontos de vista apresentados aqui respeito do fenômeno da leitura nos dão uma ideia inicial de sua complexidade e amplitude, ressaltando-se a abordagem que prioriza a leitura como o processo, fundamentalmente, situado dentro de um contexto social e político que lhe dá sentido.

1.1 A leitura e a prática pedagógica do professor

Nós, professores de Língua Portuguesa, temos a língua materna como objeto de estudo em sala de aula e esse fator já deveria ser motivo de empolgação para nossos alunos, fazendo com que nossa aula fosse a mais interessante para eles, infelizmente, nem sempre isso ocorre. Comumente, ouvimos alunos dizerem, pelos corredores do colégio “Xi, agora é aula de Português”.

Frustrados e preocupados com esse quadro, questionamentos: O que fazer para que nossos alunos se interessem pelas nossas aulas? Como desenvolver uma prática pedagógica que envolva os educandos, a ponto de eles serem capazes de compreender, com proficiência, a estrutura e funcionamento da língua e, a partir daí, usá-la e explorá-la com eficiência? Como fazê-los compreender a riqueza de nossa língua e os possíveis significados proporcionados por ela, principalmente nos textos? E, ainda, talvez o que mais nos aflige, como devemos trabalhar para que as nossas atividades de oralidade, leitura e escrita ultrapassem as quatro paredes da sala de aula e exerçam uma verdadeira função social?

É consenso hoje que a habilidade de ler se constrói em diferentes instâncias, sendo a escola uma das principais, cuja finalidade é voltada ao preparo de pessoas para adentrarem na sociedade. Em função disso, enfatizamos uma concepção de leitura que os teóricos apresentam em seus estudos como sendo aquela que responde às necessidades atuais da sociedade. Tais estudos possibilitam aos professores a solução para muitos problemas que enfrentam no dia a dia escolar. Por isso, é preciso conhecer e confrontar ideias, escolher e adequar opiniões à realidade para a obtenção do êxito dos objetivos traçados. Na visão de Foucault (1999, p. 58),

A escola deve buscar meios para tornar-se instrumento de outra política: a leiturização como a linguagem do pensamento; uma linguagem autônoma, permitindo desse modo o pensamento sobre o pensamento. A leiturização permite uma relação com a escrita não existente para a grande maioria da sociedade, visto que trata a escrita como linguagem específica de um modo de pensar. Assim, a partir de uma política de tal natureza, o leitor tornar-se-á crítico consciente e político; crescendo intelectualmente e começando a compreender melhor todas as esferas da vida social.

O autor foca a escola como o meio mais adequado para formar, cidadãos leitores, pois uma vez que se permite incentivar a leiturização no meio escolar, os alunos terão, como diz o próprio autor, uma linguagem autônoma. Desta forma, pensarão sobre o seu próprio pensamento, tornando-se assim leitores críticos, conscientes dos fatos que os rodeiam.

Quanto ao ofício de professor, insistimos que é preciso refletir sobre a prática para poder então reestruturá-la, pois ainda existem pessoas que acreditam na ideia de que qualquer pessoa pode ser professor, que para ensinar é suficiente ter alguns conhecimentos sobre o conteúdo, e isso não é suficiente, pois não basta apenas a vontade, é preciso construir e reconstruir, muitas vezes, o conhecimento.

E para melhor compreensão e aproveitamento da prática pedagógica da leitura, nada melhor que ler e refletir sobre estratégias de leitura e adequá-las de forma a atender aos nossos objetivos.

Morin(2003, p. 30) enfatiza: “O professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo, pesquisando, ensinando, aprendendo[...] é um orientador/mediador”.

O professor pode e deve motivar e apoiar os alunos a enfrentarem a leitura de um texto apresentando previamente seu tema, discutindo o título, trazendo informações prévias, essas são atitudes que auxiliam para que o leitor compreenda o que lê. O professor tem uma prática já construída, formada a partir de uma teoria estudada, mas, por mais que se espelhe nessa teoria, sua prática vai ser sempre diferenciada de outro professor. Pois existem pontos de vista e realidades diferentes, e isso faz com que o ensino se diferencie, como diz, Ferreiro (1990, p.45):

O meio mais apropriado para que a aprendizagem ocorra, deve primar por condições que levem o próprio jovem a construir seus conhecimentos; pois os mesmos elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos; ideias estas que não podem ser atribuídas à influência do meio ambiente.

O professor não pode parar no tempo e ficar esperando que seus alunos aprendam e busquem sozinhos o que eles, professores, desejam. É preciso criar no aluno o interesse e a importância que se faz necessária no processo de aprendizagem. É na escola que devemos garantir ao nosso aluno uma leitura proficiente; que ele seja capaz de ler em uma propaganda a verdadeira intenção do anunciante, ou, ainda, que seja capaz de ler, em diferentes revistas e jornais, a mesma notícia, ou melhor, o mesmo assunto e reconhecer o porquê das diferentes formas de registro, a intencionalidade e o compromisso político de cada uma, entre outras situações do uso da língua.

Para atingir esse propósito, o ensino de língua deve ser contextualizado e, para isso, é preciso que o professor se proponha incluir em suas práticas pedagógicas, o trabalho com os gêneros textuais com uma prática discursiva.

Para o professor agir, é necessário que compreenda o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos e valorizar suas ideias. O professor tem a função de desenvolver, despertar no jovem o gosto pela leitura, pois, infelizmente, os alunos chegam ao ensino médio com pouca ou nenhuma carga de leitura. Deve dar-lhes a oportunidade de expressar suas vontades, suas alegrias, tudo através da leitura como fonte de prazer e lazer. O hábito da leitura deve ser incentivado, não como obrigação, mas pelo prazer de conhecer e compreender as informações disponíveis.

Para a maioria da população brasileira, a leitura acabou sendo condicionada e limitada à prática escolar, e, muitas vezes, a escola incorre no risco de transformar a leitura de descobertas em uma leitura “verniz” ou instrumental. A função do professor não é somente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para que o indivíduo possa realizar a sua própria aprendizagem conforme os próprios interesses, necessidades e fantasias.

Somente quando o sujeito-leitor (o aluno) for capaz de fazer suas inferências para preencher os “espaços vazios” é que ele verá sentido no ato de ler. Enquanto tiver alguém (O professor) que leia por ele, não terá o gosto despertado para a atividade, pois as lacunas preenchidas não comportarão as suas expectativas, mas as do mediador do processo. Acerca disso, Perrott, (1990, p. 16) afirma que:

Opapel do professor-educador nada tem a ver com a simples imposição do saber meramente exigido pela sociedade. Ao contrário, sua função é despertar no aluno o gosto natural e fluente pelas diferentes áreas do conhecimento. levá-lo a descobrir, dentro de si e apesar dos preceitos, aquela força que o impulsionará á ação prazerosa de criar e recriar. Uma condição indispensável, por exemplo, ao ensino da literatura.

Se a leitura de obras literárias é um convite para uma viagem ao imaginário por meio de um jogo de fantasias, ou uma possibilidade de sonhar acordado, por que, então, o jovem adolescente que frequenta as salas de aula do Ensino Médio não sente prazer nessa atividade? A resposta está, muitas vezes, na metodologia de leitura aplicada pelo professor. O aluno lê para analisar personagens, narrador, o tempo e o espaço, a linguagem, para produzir um texto, ou, simplesmente, um resumo do que foi lido, ou, ainda, com fins gramaticais. A leitura só se justifica mediante uma tarefa que será realizada em seguida.

A escola tem trabalhado com o objetivo de criar o hábito de leitura nos alunos pensando que assim minimizaria a situação da “falta de leitura”. Contudo, muitos dos educadores não se deram conta de que a palavra hábito reporta à ideia de repetição mecânica e instintiva ao estímulo-resposta do behaviorismo-skinneriano. Silva (1992, p. 35) comenta que

a leitura “passa a ser um esquema de comportamento adquirido que, pela repetição, se torna involuntário ou automático”. A leitura se tornará uma atividade significativa para o aluno/leitor quando este tomar consciência de que ela não é um ato gratuito ou sem consequências.

A leitura é apresentada pelos PCN como uma elaboração para o ato da escrita, passando a ser vista como um procedimento complexo que implica ao leitor o ato de compreender, inferir estabelecendo relações entre diferentes produtos, estéticas e linguagens, assumindo uma postura ativa no processo da comunicação humana. Dessa forma, o sujeito-leitor não redigiria apenas um texto qualquer, mas criaria outro com base, principalmente, na relação dialógica proposta pela leitura.

A escola, contudo, presa aos livros didáticos e seus manuais, “suspende o diálogo entre a obra e o leitor, e este é colocado na situação de receptáculo passivo, com a função de imitar ou reconhecer valores previamente estabelecidos” (ZILBERMAN, 1989, p. 21.). Nesse caso, a prática da leitura está voltada para a identificação do pensamento do autor ou, simplesmente, das palavras escritas negando o sentido de atividade produtora de significados e formada de uma autoconsciência crítica necessária para o desenvolvimento do leitor, bem como para ele compreender-se no mundo. Silva (1992, p.45) corrobora com essa afirmação quando aponta que:

Compreende mensagem compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem – eis aí os três propósitos fundamentais da leitura, que em muito ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas, ou meramente ‘livrescos’, da comunicação leitor-texto. Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

A leitura, principalmente no que se refere a textos literários, terá seu sentido apenas quando os educadores, dentro de atmosfera democrática, permitirem ao aluno-leitor fazer as suas inferências tendo respeitadas as suas experiências prévias e chegar a várias interpretações possíveis cultivando, com isso, sua imaginação criadora em um processo dialógico entre o texto e o leitor.

É preciso que o professor pense em como usar o texto sem torná-lo pretexto para o ensino de regras fixas e suas exceções. A diferença em trabalhar com gêneros e usar o texto como pretexto está no encaminhamento metodológico. Antunes (2007) discute questões relevantes a respeito de uma forma mais adequada e atraente para abordar os conhecimentos relativos às estruturas da língua.

Ao trabalhar com um gênero, é possível abarcar as três modalidades do ensino de língua portuguesa: a leitura, a oralidade e a escrita. É difícil separá-las, já que constituem a linguagem e estão intimamente interligadas. A compreensão da estrutura da língua é de suma importância para garantir a legibilidade do texto, principalmente o escrito, uma vez que, na oralidade, o falante conta com os outros recursos que não fazem parte da experiência escrita, como o tom de voz, os gestos, a fisionomia, entre outros.

Com uma abordagem metodológica que parte do estudo dos gêneros, a escola deixa de ser um espaço em que alunos de diferentes realidades entram em contato com as variações da língua, sendo também um dos poucos lugares em que os alunos terão a chance de exercitar a variante padrão. Esse exercício dará condições de acesso ao mundo dos letrados, ou seja, ao aluno será oferecida a condição de ampliar e aprimorar seus conhecimentos linguísticos e inseri-los no seu dia a dia.

Ao entrar em contato com as variantes, o aluno será levado a refletir sobre outras questões do texto, como observar a construção sintática, as escolhas lexicais e semânticas feitas pelo autor ao produzir o texto, pois ao serem elaborados, os enunciados tem intenções e ideologias marcadas por condições e contextos de produção, ou seja, o autor é influenciado, mesmo que inconscientemente, pelo meio em que vive e atua. Enfim, vários elementos fazem parte da composição do texto.

Devemos levar em consideração a existência de uma dimensão de alteridade que envolve os atos de ler e de escrever um texto. O leitor experimenta o texto como um evento real porque é ele quem atribui os sentidos à sua leitura, o que decorre a frequente impressão de poder viver outra, vida deixando para trás o que realmente é ao menos durante o tempo do processo de leitura.

Cabe ao professor criar condições para que o aluno efetive e concretize sua leitura individual produzindo significados que resultarão na sua transformação, emancipação e libertação. Concomitantemente à atividade de leitura, devem estar as atividades de falar, discutir, debater, ouvir, escrever etc.

Para Lajolo, (1998, p. 86-87),

Se[...], a prática de leitura escolar centralizar sua reflexão sobre o ato concreto de leitura em curso no espaço da sala de aula e sobre as interpretações que aí ocorrem [...], a leitura escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras.

A partir dessa reflexão a respeito de literatura, leitura e ensino, podemos inferir que ler é saber, mas também é “sabor”, com a degustação das palavras e saborear a literatura por conta do imaginário. O produto da leitura transcende a materialidade do papel escrito e se constitui à medida em que o leitor se apodera dos sentidos possíveis, mas, principalmente, quando cria significados transformando a leitura em uma prática criadora e inventiva. Isso equivale a dizer que a leitura é subversiva porque é sempre um convite para que o leitor faça uma reflexão sobre si e sobre o mundo que o cerca.

Devemos, pois, pensar a leitura como uma prática cultural, uma conquista pessoal que não faça parte apenas do universo escolar. Antes de querer formar leitores, a proposta é formar pessoas que possam ter seus horizontes desenvolvido.

2. A produção textual

O ensino de produção textual deve se basear em um trabalho pedagógico que vise à formação do aluno no perfil de escritor competente. Trata-se, conforme Geraldi (2003), de uma substituição da prática pontuada na redação escolar pela prática de produção textual. No primeiro caso, propõe-se uma tarefa, muitas vezes com pouco ou nenhum significado, que consiste na escrita com tempo delimitado, sem a possibilidade de reescrita do texto, cuja correção, quando ocorre, destaca os aspectos da superfície textual, como o apontamento dos erros gramaticais.

Diversamente, o trabalho almejado como prática de produção textual, que significa considerar o texto como ponto de partida e ponto de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua, implica a relação com a prática de leitura, o planejamento e a correção com encaminhamento para a reescrita.

Adotar essa segunda proposta requer do professor o replanejamento das aulas e a reelaboração das atividades de produção textual, pois passa a ser fundamental que tais atividades sejam organizadas em uma sequência de aulas, possibilitando ao aluno a percepção da continuidade das ações.

As concepções de linguagem e escrita são tão importantes quanto à postura que se tem relativa à educação. A primeira concepção vê a escrita como expressão do pensamento, dita escrita como um Dom. A segunda concepção vê a escrita como instrumento de comunicação, como meio para comunicação. Nessa concepção, a língua é vista como um código. A terceira concepção vê a escrita como forma ou processo de interação como um

lugar de interação humana, de interação comunicativa. Essa concepção é representada por todas as correntes de estudos da língua reunidas linguística da enunciação.

O processo de ensino de leitura e de escrita envolve aspectos que devem ser refletidos a partir do entendimento de que a escrita é um produto cultural, que evoluiu com o passar dos tempos. Para adquirir a prática de escrita é preciso ter um conhecimento organizado, com estruturas, regras e padrões. Sobre isso, Kato (1999, p.56) comenta que:

[...] Em algumas situações a escola enfatiza mais a escrita e dá menos importância à leitura, acreditando ser mais relevante saber escrever, pois este conhecimento levaria ao desenvolvimento da leitura sem que este seja colocado como primordial tanto quanto o anterior.

É dada uma importância maior à prática de escrita, deixando – se de lado a prática de leitura, mas não podemos esquecer de que uma depende da outra. Uma das dificuldades para se trabalhar produção de textos dos alunos é que, a linguagem escrita, muitas vezes, é discriminada e os professores atribuem mais importância à correção dos “erros” ortográficos, impedindo assim um bom trabalho com produção de texto, por acreditar na inferioridade da linguagem dos alunos em relação à língua-padrão privilegiada pela escola.

A escrita seria uma atividade com a linguagem em que, infelizmente, “não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve a palavra que lhe foi dita pela escola” (Geraldi, 2007, p. 127).

Uma prova exemplar de tal prática no ensino médio é a quase exclusiva produção da dissertação escolar sobre um tema escolhido pelo professor. O objetivo, raramente explicitado, de escrever a dissertação é estritamente disciplinar, uma vez que o aluno escreve para cumprir uma exigência do professor ou treinar para passar em concursos públicos ou no vestibular.

É importante (re) afirmar que “escrever aprende-se na interação contínua com os atos de escrita, através de estratégias significativas, em que o aprendiz poderá entender o caráter dialógico da linguagem” Leal(2003, p.66). Aprende-se a escrever (assim como a falar) na relação com o outro, atualizando formas relativamente consagradas de interação linguística. Aprende-se a escrever por meio da interação verbal (em contextos formais e informais) e do uso de gêneros.

Deve ser feito um incentivo à leitura sem limitá-la à leitura como forma de avaliação, nem tampouco a forma de dar nota a alunos ou até mesmo, como uma atividade que

serve apenas para passar o tempo em que se espera uma nova atividade. Na opinião de Carvalho (2005, p.81), cabe ao professor, enquanto formador de leitores,

[...] a escolha de textos que reunissem condições de coerência, alto grau de legibilidade e interesse dos pequenos leitores; o ensino de estratégias de predição de significado; a adaptação do modo de ler (leitura oral ou silenciosa, leitura intensiva e detalhada ou leitura superficial, rápida, etc.) aos objetos do leitor em determinada ocasião.

O professor deve auxiliar os alunos a tornarem-se produtores de textos, tratando dos processos linguísticos, começando na prática o ensino do código escrito, em diferentes situações reais, para que o aluno possa ler e adquirir, dentre muito outros conhecimentos, as atribuições dos estudos relativos à nossa língua.

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige atenção, criatividade, competência e capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece segundo Gregg(1992,p.25.),

O professor deve criar uma situação prazerosa, não porque o mostre, mas que eles possam escrever livremente, por exemplo, textos como diários e cartas. O aluno deve perceber a importância de planejar, revisar, escrever, podendo realizar atividades de reescrita pegando um texto simples e transformando através da troca por frases mais elaboradas estimulando a criatividade.

É necessário evitar correções por meio de castigo, que poderá reprimir ou desestimular o aluno não apenas apontar o erro, mas dar informações relevantes para que eles percebam as diferenças e não cometa os mesmos erros. A leitura pode ser uma ótima aliada, pois traz a compreensão através de textos, de livros que podem ser sugeridos para que os alunos criem seus próprios textos ou elaborem o final, baseados no assunto lido. Primeiro, deve-se propor uma técnica de “escrita livre”, para que o aluno adquira fluidez e convicção de que é capaz de escrever sobre o que sabe. Depois é necessário fazer nas revisões e correções (com ajuda dos colegas e do professor), sobre a produção escrita.

Outro fator que diz respeito à relação leitura/escrita é que o estudante lê textos de várias épocas, “mas escreve, automaticamente na sua (e a sua)”. Uma vez que o indivíduo incorpora, mais ou menos inconscientemente, a escrita de sua época, é interessante observar de que forma absorveu os modelos em contextos sócio - histórico, ou até rompeu com eles, tendo por base a pluralidade com que entrou em contato pela leitura.

O ensino da expressão escrita deveria, portanto, mudar de enfoque, pois está centrado no produto final. O ensino da escrita tem-se mirado no texto considerado perfeito, ponto de partida para os alunos redigirem. Provavelmente, o professor avaliará essa redação apenas pelos cânones da normatividade.

Na visão de Gregg(1992) formar jovens produtores de textos,é necessário que se escolha o objeto de aprendizagem, estabelecendo prioridades de acordo com as situações que possam surgir, bem como, diferentes funções da escrita, sabendo que a escrita está ligada à utilidade, aos momentos, com a função de comunicar, contar histórias, inventar, de construir um texto, de buscar e conhecer novas palavras, vencer dificuldades, prazer de avançar, da tarefa até o fim de um texto bem elaborado, para que o trabalho com a escrita seja positivo.Observamos positivamente a interação dos alunos para com a escrita, quando os resultados dos trabalhos são textos escritos em projeto de situação real, textos diferentes para as intenções diversas; textos justificados e pertinentes; textos eficazes e que conheçam as regras para serem bem sucedidos.Jolibert(1994) comenta que:

Quanto aos projetos cotidianos relativos ao dia a dia de sala de aula para que os alunos assumam e organizem a coletividade, fazem-se necessários registros escritos como:reuniões regulares, relatórios, listas de responsabilidades e quadros de regras da turma.

Sobre os projetos comentados por Jolibert (1994), podemos citar, por exemplo, um evento na escola ou uma turma escrever para outra turma. Os alunos precisam saber o que estão fazendo, o porquê e para que se faz isso. O professor poderá fixar em cartaz os assuntos a serem trabalhados, assim eles podem visualizar, acompanhar,refletir sobre o que aprenderam e tirar suas dúvidas.

Ainda há muito a se fazer em relação à prática de escrita implantada nas escolas pelos educadores, já houve avanços, masainda não o suficiente, para proporcionar prazer pela leitura e escrita a todos os alunos.

3. Metodologia

Nossa pesquisa teve como objetivo fazer um diagnóstico da prática de professores de ensino médio em relação à leitura e escrita, como também dos alunos, para saber sobre aaceitação e a compreensão deles. Para isso, elaboramos um questionário com 10 perguntas, sobreleitura, 8 perguntas sobre a escrita e aplicamos com 5 professoras da Escola Estadual

Colégio Monsenhor José da Silva Coutinho e 3 professoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily, localizadas na Cidade de Esperança/ PB, ambas situadas na zona Urbana. Para os alunos dos dois colégios no Ensino Médio, apresentamos 10 questões, envolvendo o tema leitura e escrita. A escolha dessas escolas se deu em função da curiosidade sobre como os professores estão trabalhando com esse tema no ensino médio e também, pelo fácil acesso e conhecimento prévio da realidade das escolas.

As professoras entrevistadas têm idade de 25 a 50 anos, possuem graduação em Letras (Português), nenhuma têm Mestrado e três fazem curso de aperfeiçoamento no SIMEC, EPROIRF, SISMÉDIO, algumas estão no exercício da profissão há cinco anos, outros há vinte e cinco anos.

3.1 Análise dos Questionários (Professores)

De acordo com as professoras entrevistadas, elas enfrentam muitas dificuldades, devido a maioria dos alunos serem de origem humilde e de baixa renda, sem o hábito de comprar livros e ler. Para elas, esse fator dificulta o hábito de leitura, tanto na sala de aula quanto em casa. Outros fatores como falta de estímulo para leitura, falta de hábito na família; em casa, agravam mais ainda essa situação. Os alunos têm facilidade na locomoção para a escola, pois há ônibus disponíveis nos dois turnos, tanto para zona rural, quanto para os bairros mais distantes e carentes. Quanto aos dados referentes à prática das professoras, os itens a seguir apresentam comentários sobre as respostas delas ao questionário.

Sobre a noção de leitura, as professoras entrevistadas têm uma visão atualizada do assunto, condizente com os estudos da área. Para as professoras, a leitura:

1. “Beneficia a entrada do aluno no dia a dia das questões sociais acentuadas em um universo cultural maior; levando em conta as necessidades específicas de cada comunidade escolar; ler é garantir a todos o direito de apreender o conhecimento científico; ético e cultural para integrar-se na sociedade”.
2. “É necessário que o aluno aprenda a vencer os desafios e sabemos que uma das formas de contribuir para esse crescimento do aluno é através da leitura, que para nós significa o início de tudo”.
3. “É através da leitura que formaremos cidadãos conscientes com a cidadania, leitura significa transformar uma sociedade leiga em uma população consciente e poderosa, sem falar que isso é uma função da escola”.
4. “Acreditamos que a leitura em nosso meio é um desafio; é preciso buscar estratégias e momentos que propiciem ao aluno; acesso ao conhecimento promovendo o desenvolvimento de sua aprendizagem e que não basta se restringir a poucas palavras como fizeram alguns professores e também não é com conceitos e palavras bonitas que

faremos com que nossos alunos aprendam a ler e saibam responder de forma específica e simples; que leitura é simplesmente gostar de ler o que está escrito”.

5. “Ler significa conhecer o mundo, viajar por muitos lugares sem precisar sair do lugar, a leitura é a porta de entrada para a transformação de uma sociedade”.

Essa visão que as professoras pontuam sobre leitura, mostra o quanto é essencial para formar cidadãos, É uma tarefa árdua, difícil, mas, prazerosa quando professores tomam posse da teoria para pôr em prática.

O ensino leitura/escrita na escola objetiva ensinar os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua, como um patrimônio maior do qual não se pode abrir mão.

As evoluções e revoluções atuais são tantas e tão rápidas que a escola com uma visão tradicionalista nem sempre consegue acompanhar.

Defendemos a tríade, autor/texto/leitor. Em um processo de leitura significativa, compreender o papel e a importância do aluno-leitor e respeitar as etapas que apresentadas é fundamental para que ocorra a formação de leitores críticos e proficientes.

Ao serem questionados se trabalham a leitura em sala de aula e como fazem isso as professoras responderam:

1. “Sim, é muito importante e prazeroso trabalhar com a leitura e perceber que os alunos adentraram no texto. Trabalhamos conto, notícia etc.”
2. “Sim gêneros textuais diversos e obras literárias”.
3. “Sim com dinamismo e diversificação.”
4. “Sim, tenho hábito de iniciar a aula dando pequenos textos para que eles leiam juntamente comigo, gosto de trabalhar notícias atuais.”

Duas professoras responderam objetivamente que sim, e não especificaram como trabalham a leitura. Os materiais citados como mais utilizados em sala de aula para a leitura são a notícia, revistas, obras literárias, jornais, filmes. Pelas respostas, vemos que as professoras priorizam a leitura em sala de aula, dizem utilizar outros materiais e não apenas o livro didático (LD), o que demonstra que pelo menos nesse ponto, os alunos não sofrem com a precariedade de atividades apenas no LD.

A respeito do uso da biblioteca, todas afirmaram que tem item em suas escolas, sendo para elas mais uma facilidade na aquisição da leitura, já que, segundo elas, a biblioteca é essencial para estimular o aprendizado da leitura através de atividades realizadas no local.

Devemos pensar a leitura como uma prática cultural, uma conquista pessoal que não faz parte apenas do universo escolar. Antes de querer formar leitores, a proposta é formar pessoas que possam ter seus horizontes ampliados através da leitura.

Quando questionadas a respeito de que material utilizavam para a leitura em sala de aula, as professoras da Escola Irineu Joffily disseram que levam tudo para sala de aula, porém devido ao tempo, acabam se utilizando mais os livros didáticos e revistas. No entanto, demonstram o interesse por vários gêneros textuais como: “romances, contos, livros religiosos e literários”. As professoras que leem vários textos literários fazem com que os seus alunos também gostem e conheçam vários tipos de leitura. Assim, se quisermos que nossos alunos sejam bons leitores, antes devemos ser, para então poder incentivar, com prazer, e convencê-los de que isso é bom.

Todas as entrevistadas da Escola Monsenhor José da Silva Coutinho afirmaram que utilizam vários gêneros textuais para agradar a todos os gostos, tais como Gibi, revista etc. Alguns relatam em suas falas que trabalham e apresentam textos “a partir da diversidade que circula socialmente”. Por suas respostas, observa-se que as professoras oferecem a seus alunos gêneros textuais diversos. Informalmente, foi dito que, dessa forma, cada aluno pode escolher um gênero com o qual se identifica e que, os alunos gostam desta disponibilidade. Estas atividades deveriam ser frequentes na sala para tornar-se um hábito.

Ao responderem sobre o que fazem para estimular a leitura em sala de aula e fora dela, as professoras relataram que estimulam através de contos, leitura individual e coletiva. Ressaltaram, ainda, que planejam as aulas para incentivar os alunos. Eis algumas respostas:

1. “Leitura socializada, leitura coletiva e individual, leitura compartilhada, buscando mostrar as questões sociais e culturais”.
2. “Através de diversos tipos de textos, letras de músicas, filmes e tudo o que possa despertar o interesse dos alunos fazendo com que estes se envolvam de alguma forma com a leitura”.

As professoras tem o interesse, mas, às vezes, o que podemos observar nas salas de aula, é que o modo como este material é apresentado não satisfaz os alunos. Existe então um problema metodológico. A esse respeito, Hillal (1985, p. 132) enfatiza que:

Ao professor é que cabe a tarefa de procurar despertar no aluno o interesse pelo que ele vai ensinar [...] Se o professor não sabe apresentar a seus alunos o alimento intelectual, de tal maneira que mantenha vivo o interesse deles, esse interesse corre o risco de ir diminuindo até o ponto de desaparecer.

É preciso que assumamos as falhas e vencê-las, pois só assim passaremos estímulo, prazer e satisfação para os alunos se interessarem pela leitura, e é preciso também que o

professor se qualifique, pois quanto mais estudarmos, mais teremos condições de aprimorar nosso trabalho.

Sobre as dificuldades enfrentadas com a leitura em sala de aula, todas as professoras de ambas as escolas, relataram a falta de interesse por parte dos alunos e o descompromisso dos pais perante seus filhos, já que não ajudam nas tarefas escolares e não os incentivam em casa. Segundo elas: “Estimulam a leitura constantemente em sala de aula, mas os pais não cobram isso em casa. Deixando-os com os diversos outros atrativos”.

Também foi citada a falta de materiais didáticos, já que os materiais como revistas, filmes são adquiridos pelos próprios professores e alunos, também a falta de recursos financeiros. Mais uma vez é notória a realidade que nos permeia, responsável pela falta de estímulo por parte de alguns alunos.

Outro problema relatado foi a indisciplina. Os alunos vivem em um mundo sem limites em casa, e quando o professor tenta impor isso em sala de aula é impedido. Às vezes, até consegue, mas é difícil, sem o apoio dos pais esta árdua batalha fica quase impossível de ser vencida. Consequentemente, o aluno perde o interesse e o estímulo pela escola e pelo que ela oferece.

Apesar de as professoras relatarem esses problemas, acreditamos que o jovem precisa ser entendido pelo que é, faz e traz, e não pela falta. Também é preciso saber que ouvir o jovem não é deixar que ele tenha o controle da situação e sim ajudá-lo a encontrar seu próprio caminho.

O incentivo à leitura é de fundamental importância, tanto no desenvolvimento da personalidade de um jovem quanto para a vida adulta. Para que o gosto pela leitura se torne comum é importante que o jovem desenvolva o prazer de ler, o prazer de saber o que está lendo.

Diante das respostas das professoras, percebemos que elas demonstram interesse no trabalho, gostam de ler e buscam inovar e atender a todos dentro de suas condições e realidade. Estas professoras gostam do que fazem, sentem prazer em estar em sala de aula e isto é notado em uma observação rápida da prática. Observamos que o que falta é apoio constante para que reflitam sobre a prática de ensino, o que melhoraria a parte metodológica de trabalho com o texto. Nesse sentido, os cursos de formação têm ajudado muito. Deveriam ser intensificados.

4. Análise dos Questionários dos Alunos

Por ser um encaminhamento metodológico, que tem como um dos princípios o respeito à individualidade de cada aluno, nós, professores, iremos, constatar diferentes níveis de aprendizagem. O nosso papel como educadores torna-se mais complexo e abrangente, pois devemos observar o percurso dos alunos, registrar suas dificuldades e dar mais atenção aos que apresentarem mais dificuldades. O resultado deve ser encarado como um processo em que o fim está em tornar o aluno um leitor autônomo, em busca de um saber mais consciente. A maior dificuldade que os alunos encontram da escola Monsenhor José da Silva Coutinho é o fato de ser integral, e a escola não tem uma estrutura para isso. Os alunos não tem como tomar banho, o almoço não é muito bom, tudo isso faz com que eles retornem para casa e não voltem para o turno da tarde.

Entre os alunos entrevistados na Escola Monsenhor Jose da Silva Coutinho, cerca de 95% gostam de ler e reclamaram porque os professores não indicam obras para eles lerem. Questionados sobre o que gostam mais de ler, os alunos responderam:

1. Poesia, Livros de Ação, texto, histórias em quadrinhos, livros que falam sobre seca e sertão, romance, comédias, História, a Bíblia etc,

Esses jovens tem entre 14 e 16 anos e costumam ler, principalmente o que lhes dá prazer. É necessário que as professoras estimulem mais a leitura e disponibilizem a biblioteca para isso, os alunos alegam que usam pouco a biblioteca.

Os alunos da Escola Irineu Joffilly, jovens de 14 a 16 anos, compartilham da mesma opinião, inclusive alguns alunos nunca param de renovar livros na biblioteca, após a entrega pegam outro para ler. Perguntados sobre o que gostam de ler eles responderam:

1. Livros de romance, noticia, a Bíblia, alto ajuda, obras literárias, textos de facebook etc.

Como podemos observar, os alunos do nível médio gostam de ler, principalmente, quando estão livres para ler o que querem. Pelas respostas dos alunos, vemos que os professores estão certos ao priorizarem a leitura em sala de aula.

O que nos inquieta é que ambas as escolas têm uma biblioteca riquíssima, faltando apenas o professor levar seus alunos para lá e assim viajarem pelo mundo da leitura.

Ao responderem sobre o que fazem os professores para estimular e leitura e a escrita em sala, eles alegam que os professores trabalham pouco, gêneros textuais que gostam de escrever:

- Histórias em quadrinhos, carta, redação dissertativa, textos etc.

Sentem falta do trabalho com vários gêneros textuais, tais como: cartas, Histórias, Romances, notícias, nas duas escolas, os alunos sentem falta do estímulo do professor e a falta de trabalhos e atividades voltados para leitura e escrita em sala.

5. Considerações finais

Através das respostas dadas pelas professoras, podemos fazer uma análise da situação do ensino nas escolas desenvolvidas. Podemos constatar que as dificuldades enfrentadas são muitas, e, muitas vezes não podem ser vencidas sem colaboração de outros. São vários os fatores causadores da defasagem dos alunos que dificultam o trabalho pedagógico referente à formação em leitura/escrita.

Um desses fatores diz respeito à distância entre o que é idealizado e o se pode realizar isso leva a uma incompreensão por parte do professor, que acredita que tudo seja facilmente aplicável nas aulas e com seus alunos. No entanto, é preciso trabalhar com condições reais, encontradas no contexto em que o professor desempenha sua atividade pedagógica.

A convivência entre professores e alunos só será possível se, resultar em vínculo de compromisso, de responsabilidade e de respeito mútuos, para o processo de ensino-aprendizagem cumprir efetivamente o seu papel.

É necessário que o aluno admire o professor para com ele aprender. Nessa relação de admiração, surge um amor responsável. Mestres e aprendizes ensinam e aprendem. A diferença está na experiência, no tempo de preparo, na maturidade, na disposição para a luta.

Sem dúvida, deve ser ressaltada a importância dos saberes científicos como elementos que podem nortear a prática docente. Os estudos teóricos aqui mencionados nos ajudaram a obter uma visão mais ampla a respeito da leitura e escrita e a relação com o ensino. Fornecem ferramentas essenciais, capazes de nos conduzir com mais segurança no exercício da nossa prática pedagógica. Mas também, é preciso ressaltar a relevância dos saberes construídos, cotidianamente, pelos professores a partir da prática pedagógica.

Formar leitores proficientes conscientes e críticos é uma tarefa desafiadora, que requer condições favoráveis, habilidade do professor e predisposição do aluno. O que se percebe, porém, na prática, é que, frequentemente, o educador lança mão de textos literários para ensinar valores morais e conteúdos de “gramática”, deixando para segundo plano o valor estético da obra literária.

A interação entre texto e leitor efetiva-se a partir do momento em que o segundo atinge a fruição, tomando consciência de que a obra literária carrega consigo o prazer estético e o conhecimento de mundo. Se a leitura é um convite para uma viagem ao imaginário por meio de um jogo de fantasias, ou uma possibilidade de sonhar acordado, por que, então, o jovem adolescente que frequenta as salas de aula do Ensino Médio não sente prazer nessa atividade? Talvez seja uma questão de metodologia, que desperta no aluno esse encanto que a leitura proporciona.

A prática da leitura é uma atividade produtora de sentidos singulares. Porém, para que a elaboração desse sentido seja coerente, deve haver uma cumplicidade entre autor e leitor. O primeiro antecipa a atuação do segundo, apresentando indícios que precisam ser interpretados para obter sentido. Assim, o texto está amparado por um suporte que lhe assegura legibilidade e confere ao leitor uma participação de coautoria. Partimos do pressuposto de que autor/texto/leitor fazem parte do mesmo jogo de construção de sentidos.

ABSTRACT:

This study aims to investigate the reading of the teaching practice of teachers in the upper grades of high school, the State network in the city of Hope. For this, teachers answered a questionnaire containing questions about their reading teaching practice and writing in the classroom. From the analysis of your answers, we note that teachers are prepared for this teaching by reading / writing and the development of teaching and learning in general in State schools in Hope. For that we sought in theoretical ; ANTUNES (2007), ISER, (1999), EAGLETON (1983), PCN (2001), JOLIBERT, (1999), SMITH; (1990)among others.

KEYWORDS: Pedagogical practice, Teaching and Learning, Reading and Writing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola.2007.
- BAKTIN, M..*Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Séries Finais Ministério da Educação,3 ed. Brasília:2001.
- CHIZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo. Cortez.1991.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FERREIRO, Emilia G. *Os processos da leitura escrita e escrita, novas perspectivas*.3 ed. Porto Alegre.1990.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre, 1999.
- GHIURO, Lílian Passarelli. *Ensinando a Escrita; O Processual e o Lúdico*. São Paulo,Olho d'água. 1998.
- GREGG S. Martins. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense,1992.
- ISER, W. *O Ato da leitura: uma teoria de efeito estético*. São Paulo: Editora 34,1999. Vol.2.
- JOLIBERT, Josette. *Formando jovens leitores*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KLIMAN, Ângela B. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo, Parábola, 2006. p.148-160.
- LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MORIN, José Manuel: MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógicas*. São Paulo.2000.
- PAIVA, Ângela Dionísio, BEZERRA, Maria Papyrus Bezerra (Orgs). *O livro didático de Português: múltiplos olhares/* Rio de Janeiro, Lucerna.1999.

PERROT, E. *Literatura e escola: diálogo difícil?* Páginas Abertas. Revista de seleção Biográfica de Edição Paulinas, São Paulo, 1990.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura*. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, E. T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 6. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS EDUCADORES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE DE ESPERANÇA/PB, COLEGIO IRINEU JOFFILY. TAL QUESTIONÁRIO REFERE-SE À PESQUISA, INTITULADA DE: “PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO”.

(LEITURA)

1. QUAL SUA IDADE?

2. QUAL A SUA FORMAÇÃO?

3. HÁ QUANTO TEMPO LECIONA?

4. FAZ ALGUM CURSO DE APERFEIÇOAMENTO? QUAL?

5. TRABALHA A LEITURA EM SALA DE AULA? COMO?

6. QUE MATERIAL PARA LEITURA É UTILIZADO?

7. NA ESCOLA QUE TRABALHA TEM BIBLIOTECA? VOCÊ UTILIZA?

8. QUAIS OS GÊNEROS TEXTUAIS SÃO APRESENTADOS EM SUA SALA DE AULA?

9. DE QUE FORMA VOCÊ ESTIMULA A LEITURA EM SALA DE AULA?

10. QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES ENCONTRADAS POR VOCÊ PARA A REALIZAÇÃO DA LEITURA EM SALA DE AULA?

(ESCRITA)

1. TRABALHA A ESCRITA EM SALA DE AULA?

2. QUE MATERIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA É UTILIZADO?

3. OS GENÊROS TEXTUAIS QUE VOCÊ APRESENTA, AOS ALUNOS, VOCÊ COSTUMA PEDI ATIVIDADE DE ESCRITA?

4. DE QUE FORMA VOCÊ ESTIMULA A PRODUÇÃO TEXTUAL?

5. QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES VOCÊ ENCONTRA PARA DESENVOLVER A ESCRITA EM SALA DE AULA?

6. EM SUA OPINIÃO O QUE FAZ O ALUNO GOSTAR E QUERER ESCREVER?

7. QUAL É O CAMINHO PARA DESPERTAR NO ALUNO O INTERESSE PELA ESCRITA?

8. EM QUE VOCÊ PODE CONTRIBUIR PARA ESTIMULAR E DESPERTAR A ESCRITA NO ALUNO?

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA CIDADE DE ESPERANÇA/PB, COLÉGIO MONSENHOR JOSÉ DA SILVA COUTINHO E IRINEU JOFFILY SOBRE LEITURA E ESCRITA.

QUESTIONÁRIO:

1. QUAL SUA IDADE

2. VOCÊ GOSTA DE LER? O QUÊ?

3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ COSTUMA UTILIZAR A BIBLIOTECA?

4. VOCÊ GOSTA DE ESCREVER? O QUÊ?

5. QUAL O GÊNERO TEXTUAL QUE VOCÊ SE IDENTIFICA MAIS?

6. DE QUE FORMA O SEU PROFESSOR ESTIMULA A LEITURA EM SALA DE AULA?

7. QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ SENTE, COM RELAÇÃO À ESCRITA?

8. NO ESTUDO COM LEITURA E ESCRITA O QUE MAIS O ATRAI?

9. QUAIS OS GÊNEROS TEXTUAIS VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSEM EXPLORADOS EM SALA DE AULA?

10. COM RELAÇÃO À ESCRITA O QUE VOCÊ SENTE FALTA NA SALA DE AULA?

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MONSENHOR JOSÉ
DA SILVA COUTINHO.



Ilm^a Senhora Diretora da: ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MEDIO MONSENHOR
JOSE DA SILVA COUTINHO

MUNICIPIO DE ESPERANÇA-PB

SOLICITAÇÃO

Solicito a vossa Senhoria, o Consentimento para desenvolver a pesquisa, “O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO”, na escola no período de Setembro de 2015 á Outubro de 2015, para obtenção do título de Graduanda em licenciatura Plena no Curso de Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

ATENCIOSAMENTE,

EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

TERMO DE CONSENTIMENTO

A pesquisa abaixo tem por objetivo de estudo na Escola Estadual Monsenhor José da Silva Coutinho, a qual resultará no trabalho monográfico da aluna EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS do curso de Licenciatura em letras Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, pela direção por respeitar todos os caracteres éticos para a realização da pesquisa.

PESQUISA; “O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO.”

PESQUISADORA: EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS

DIRETOR (a)

Ilm^a Senhora Diretora da: ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO
IRINEU JOFFILY

MUNICIPIO DE ESPERANÇA-PB

SOLICITAÇÃO

Solicito a vossa Senhoria, o Consentimento para desenvolver a pesquisa, “O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO”, na escola no período de Setembro de 2015 á Outubro de 2015, para obtenção do título de Graduanda em licenciatura Plena no Curso de Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

ATENCIOSAMENTE,

EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

TERMO DE CONSENTIMENTO

A pesquisa abaixo tem por objetivo de estudo na Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio, a qual resultará no trabalho monográfico da aluna EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS do curso de Licenciatura em letras Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, pela direção por respeitar todos os caracteres éticos para a realização da pesquisa.

PESQUISA; “O PROFESSOR E A RELAÇÃO ENSINO DA LEITURA/ ESCRITA NO ENSINO MÉDIO.”

PESQUISADORA: EDIVANDA CLEMENTINO DOS SANTOS

DIRETOR (a)